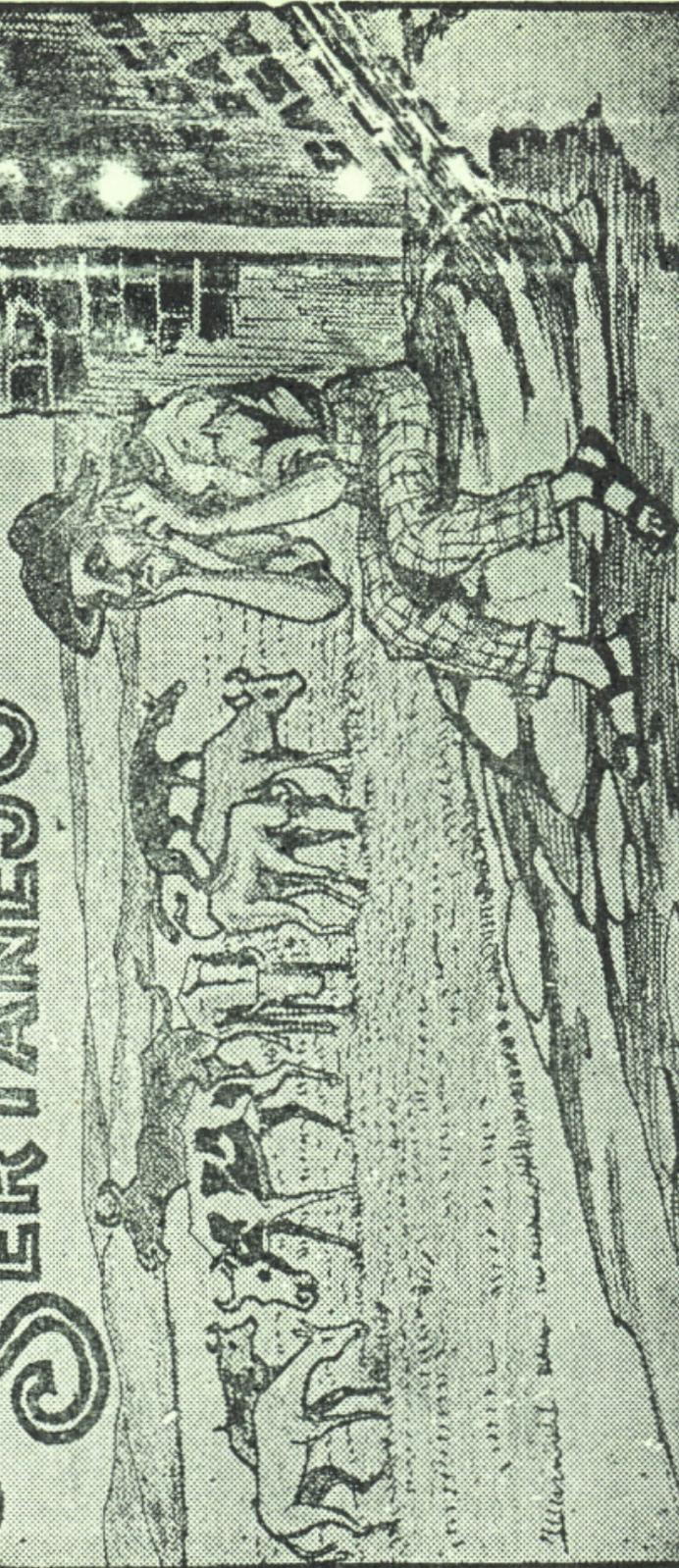


JOÃO MARTINS DE ATHAYDE
SUSPIROS DÊ UM
SERTANÊJO



Leandro Gomes de Barros

Suspiro de um SERTANEJO

Minha alma triste suspira
em deslumbrante desejo
eu choro por minha terra
há anos que não a vejo
são suspiros arrancados
do peito de um sertanejo.

Morro e não me esqueço
de tudo que encerra
esta santa terra
meu sagrado berço
meu sertão de apreço
solo abençoado
hoje desterrado
me vejo proscrito
arrancando um grito
de um peito cansado.

Hei de contar as belezas
daquela terra encantada
só digo o que ela tiver
não quero exagerar nada
a natureza lhe deu
nome de jardim de fada.

E como deveras
não há mais mimosa
parece uma rosa
pela primavera
oh! Deus! quem me dera
as cenas dali
ver o que já vi
enquanto criança
mas essa esperança
de tudo perdi.

Deslumbra a alma que vê
aquele grato arrebol
quando a brisa fresca e mansa
bafeja ao cair do sol
pelas biqueiras da casa
canta alegre o rouxinol.

Que manhãs saudosas
que horas de amores
quando os beija-flores
com as asas garbosas
com penas lustrosas
vêm se peneirando
e examinando
vê-se o camará
ou o maracujá
já meio florando.

As tardes lá são tão belas
e chamam tanto atenção
que embrandecem de momento
o mais duro coração
não pode contar do mundo
quem nunca foi no sertão.

Quem nunca passou
pelo Siridó
e no Piancó
nunca viajou
não saboreou
o mel do Abreu
um desses nasceu
em hora esquecida
passou pela vida
porém não viveu.

Aquelas terras de amores
do meu coração não sai
visito-a sempre em sonho
as noites minha alma vai
ver a terra onde primeiro
chamei mamãe e papai.

Não posso deixar
de cantar a terra
de lá uma serra
não deixo passar
meu amor, meu lar

Meu bem, meu prazer
para que viver
estando ausente dela
olhando pra ela
queria morrer.

Ali nas noites de lua
os meninos nos terreiros
correm descalços e nus
e fitando os nevoeiros
na mente que a lua vem
nascendo atrás dos oiteiros.

Aos meninos levados
em noite de glória
os pais contam histórias
de príncipes encantados
dos séculos passados
e riqueza achada
fortuna dobrada
e reino de outrora
até vir a hora
da gostosa coalhada.

Muitas destas belas noites
passei eu tão descansado
quando a idade era sonho
a vida é um mundo dourado
os dias, campos com flores
as noites, berços enfeitados.

Eu era pequeno
de nada entendia
brincava e corria
exposto ao sereno
naquele terreno
de grande tamanho
hoje até me acanho
para exaltar ele
porque tomei nele
meu primeiro banho.

Lá a vida é descansada
de agosto para setembro
broca-se logo os roçados
toca-se fogo em novembro
e fica tudo esperando
a trovoada em dezembro.

Quando à espera
do inverno estamos
de manhã olhamos
para atmosfera
vemos na esfera
o tempo mudado
o vento parado
o sol diferente
e lá no nascente
nevoeiro armado.

O sol nasce muito brando
o vento desaparece
de noite na lua há circulo
e o nascente escurece
o gado urra no campo
o chão na várzea umedece.

Tudo a esperar
olha de hora em hora
diz: parece agora
ouvi trovejar
porque ouvi zoar
presenciei bem
não fica ninguém
que não vá olhar
para observar
se é chuva que vem.

Olha-se para o nascente
vê-se aquela escuridão
as nuvens aglomerando
tomando de vão em vão
sopra o vento, abre o relâmpago
com pouco, estronda o trovão.

Sangra os nevoeiros
o chão se alagando
as águas se arrastando
paul dos oiteiros
buscando ribeiros

para a eles unir-se
parece extrair-se
do céu um tesouro
esse riso de ouro
que faz tudo rir-se.

Chove por exemplo hoje
eis o festim no agreste
canta o sapo na lagoa
o passarinho no cipreste
cupim cria asas e voa
com pouco, o mato se veste.

Flora o camará
enrama o pereiro
nasce o candieiro
cocão, trapiá
mufumbo e ingá
angico e aroeira
flora a craibeira
catinga de porco
demora-se um pouco
por ser mais ronqueira.

Com a chegada da chuva
os passarinhos em folia
parece se reunirem
para festejar o dia
é uma orquestra sublime
festa da mais poesia.

Os guriatãs
e os curiós
nos rios os socós
e as jaçanãs
as maracanãs
as mexeriqueiras
tetéus, lavadeiras
saem os pirilampos
os poldrinhos nos campos
formando carreiras.

O saudoso sabiá
cantando alegre de seu
e o graúna nos ares
o encontro e o sofreu
como quem diz um ao outro:
não sabes, mano? choveu!

Apitam os nambus
gemem os juritís
voa o cordoniz
grasnam os urubus
passeiam os jacus
canta a seriema
escaramuça a ema
a marreca voa
dentro da lagoa
o putrilhão rema.

Chove ali dois ou três dias
depois que a chuva passa
tudo que existe acelera-se
desde a formiga a uma caça
os sapos pelas lagoas
parece a música na praça.

Ensaia primeiro
mestre cururu
num turututu
que é um desespero
chia o caldeireiro
berra o sapo boi
diz um ao outro: oi
diz o outro: aleluia
a rã rapa a cuia
diz outro: foi, foi.

Depois que chove três dias
ali todo mato flora
toda abelha que existe
está ali toda hora
suga o aroma da flor
depois voa e vai embora.

Chega a tataíra
boca de limão,
vem o sanharão
canudo e cupira
vem a jandaira

moça branca, exu
Jatí, capuxu
mosquitinho da praia
vem a manda-saia
tubiba, uruçu.

Pulam os carneiros no pátio.
urra o touro com assombro
torcendo o mato nos chifres
fazendo na terra um rombo
cavando terra com um casco
deitando-a toda no lombo.

Os bodes berrando
correndo os garrotes
e os novilhotes
as pontas amolando
cabrito saltando
pelos tabuleiros
descem dos oiteiros
as cabras paridas
porque são tangidas
por pais de chiqueiros.

Deixemos agora aqui
a vida dos animais
tratemos da vida humana
que nos interessa mais
com relação ao inverno
a riqueza que nos traz.

O agricultor
diz com grande espanto:
-amanhã eu planto
seja como for
tenho trabalhador
faço plantação
está molhando o chão
Eu vou mais meu filho
ele planta milho
eu planto feijão.

Diz a mulher: meu marido
agora é que me recorda
de lhe dizer que não plante
fava nem feijão de corda
diz o velho: minha velha
o que não nos mata, engorda.

Há muito quem diga
faltas que ele tem
mas se come bem
enche-se a barriga
só não planto urtiga
porque não se come
mas ele se some
você o que fez dele?
muitas vezes ele
já matou-lhe a fome.

E segue a rapaziada
pra começar a plantação
os moços cavando terra
os velhos plantam feijão
a velha mais as meninas
plantam milho e algodão.

Se planta em janeiro
e a chuva não falta
não tendo lagarta
até fevereiro
o gerimunzeiro
vai logo estendendo
o milho crescendo
já no fim de março
não tendo embaraço
alguns vão comendo.

No fim de abril até maio
já é enorme a fatura
já estão batendo o feijão
tem muita fava madura
dão princípio a virar milho
está a lavoura segura.

S. João animado
a terra está rica
é tanta canjica
é tanto milho assado
o samba trincado

Em qualquer casinha
da sala à cozinha
só se vê é gritar
viola tocar
e dançar mulatinha.

Leitor, ia me esquecendo
de tratar da criação,
não só matava a história
como atrasava a ação
visto toda nossa obra
ser dirigida ao sertão.

Com todo cuidado
diz o fazendeiro:
-eu mando o vaqueiro
ajuntar o gado
e ele vai vexado
faz-se logo ao val
pelo matagal
segue a vaqueirama
a boiada chama
o gado ao curral.

É belo ver-se no campo
os vaqueiros encourados
tangendo um aboio saudoso
dando a conhecer aos gados
que compareçam às revistas
como que sejam soldados.

E o criador
que ao gado ensina
pela disciplina
conhece o senhor
vá aonde for
gado não se esconde
e no lugar onde
se ouve aboiar
pega a se juntar
urrando, responde.

Essa revista que eu trato
chama-se apartação
uma das maiores festas
mais falada no sertão
nem um carnaval na praça
tem tanta apreciação.

Quem no mês de abril
ali viajou
diz que já passou
por belezas mil
viu um céu de anil
um campo de ouro
viu um grande touro
vir dos matagais
o vaqueiro atrás
com vestes de couro.

Então naquela fazenda
que o gado há de se juntar
a festa é tão soberba
tem muito que se apreciar
o resto daquele ano
inda se ouve falar.

É na apartação
que vemos os valores
dos vaqueijadores
que há no sertão
quando um barbatão
espirra ligeiro
grita-lhe o vaqueiro:
-trate de correr
havemos de ver
quem cansa primeiro.

O vaqueiro que já é
acostumado a vaqueijar
se aproxima bem do boi
para poder derribar
de fora a gente só vê
é o mocotó passar.

O touro se vê
no sol muito ardente
o vaqueiro na frente
não deixa-o correr
pega a arremeter
fazendo explosão
fazendo menção
espirra ligeiro
porém o vaqueiro
estende-o no chão.

É belo ver-se a chegada
de gado para o curral
os vaqueiros encourados
tirando o gado do val
com cuidado que os novilhos
não entrem no matagal.

FIM

Juazeiro do Norte - Ce.
2006

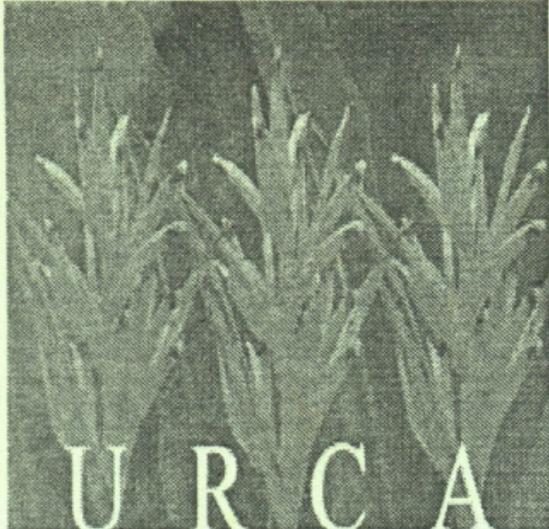
SOBRE O AUTOR:

Leandro Gomes de Barros nasceu em Pombal (PB) em 19 de novembro de 1865 e faleceu em Recife (PE) no dia 4 de março de 1918. É considerado o maior poeta popular brasileiro, cuja produção literária ultrapassa mil cordeis.

Parte de seus direitos autorais foi vendida em 1920, por sua viúva, para João Martins de Athayde, que vendeu todos os seus títulos em 1949 para José Bernardo da Silva, proprietário da Tipografia São Francisco, atualmente Gráfica Lira Nordestina (assim batizada por Patativa do Assaré) na cidade de Juazeiro do Norte.

A Gráfica foi adquirida pelo Governo do Estado do Ceará que repassou a administração para a Universidade Regional do Cariri - URCA.

Os direitos autorais deste folheto pertencem à Universidade Regional do Cariri (URCA)/Gráfica Lira Nordestina.



URCA



UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI



FUNDETEC 

CAIXA

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

IMPRESSO NA GRÁFICA LIRA NORDESTINA
URCA - Campus do Pirajá - Av. Castelo Branco, 150
Juazeiro do Norte (CE)
E-mail: lira@urca.br - Fones: (88) 9201-1143/3102-1150



BIBLIOTECA DIGITAL ÁTILA ALMEIDA

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos da BIBLIOTECA DE OBRAS RARAS ÁTILA ALMEIDA. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital — com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Biblioteca de Obras Raras Áttila Almeida, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação de que uma obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Biblioteca de Obras Raras Áttila Almeida esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (atilaalmeida.bc@setor.uepb.edu.br).